

POR QUE NÃO FALARMOS SOBRE EVA? UMA LEITURA PSICANALÍTICA ACERCA DA MATERNAGEM

Marcília Poncyana Félix Bezerra (UFPB)¹

Hermano de França Rodrigues (UFPB)²

Resumo: O romance “*Precisamos falar sobre o Kevin*”, de Lionel Shriver (2011), conta a história de um adolescente de 16 anos que comete o assassinato de 9 pessoas na escola em que estudava. Eva, sua mãe, diz da sua dor através de cartas à Franklin, marido e pai dos seus filhos, como uma forma de encontrar lugar nessa história que, muitas vezes, parece não ser sua e sim só de Kevin. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a realizar uma leitura analítica deste romance, com o olhar voltado para o que Eva conta da sua dor ao ser exposta à falta. Utilizando-se das teorias psicanalíticas e apoiando-se em suas tentativas de responder questões da mulher e do feminino, buscamos discutir e fazer elaborações sobre a devastação.

Palavras-chave: Devastação; Mulher; Feminino.

Na mulher, em sua demanda de amor ao Outro, também existe uma demanda de ser: ela precisa que o Outro lhe fale para que seja ela, mulher. É nessa busca de amor e de reconhecimento de si mesma, que Eva submete-se à vontade de ter um filho, que não era sua e se depara com sua devastação.

Enquanto nos chocamos com a trama do romance e refletimos sobre o lugar dessa mãe no desenvolvimento de Kevin, através de um olhar crítico, indo além das idealizações sobre a maternidade, é possível questionar o que Eva tenta inscrever de seu, além da culpa que é colocada no seu lugar de mãe? De que lugar essa mulher realmente nos fala?

A respeito da mulher, Lacan avança um pouco mais na discussão do feminino iniciada por Freud. Escreve sobre uma falta de significante para dizer da mulher: “a mulher não existe” (LACAN, 1974-1975); E é nessa impossibilidade de identidade feminina que se localiza a devastação.

Disso, também vai dizer da dificuldade na maternagem ou da sua impossibilidade. A mulher tenta encontrar algo que responda a essa falta, endereçando a um Outro uma demanda de amor, que não pode ser respondida; desde o seu primeiro objeto de amor – a mãe, até as relações amorosas ao longo da sua vida.

¹ Graduada em Psicologia (UEPB), Mestranda em Letras (UFPB). Contato: marcillia@gmail.com

² Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFPB. Contato: hermanorg@gmail.com

Ao se deparar com essa falta, no fracasso no encontro com o Outro, a mulher se devasta, por perder o que lhe dava certo amparo para sustentar seus semblantes, precisando, agora, lidar com essa falta.

Eva encara sua devastação na perda do lugar de mulher amada por um homem e não nos episódios do seu filho, Kevin, como se pode pensar. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a realizar uma leitura analítica deste romance, com o olhar voltado para o que Eva conta da sua dor ao ser exposta à falta.

Maternidade

No imaginário coletivo a maternidade é colocada como algo sublime, ocorrendo uma romantização desse processo, afastando-se cada vez mais da realidade que as mulheres vivem. A maternidade sempre foi colocada como inerente e fundamental para o tornar-se mulher.

A mulher ainda é colocada nesse lugar de sagrado, quando se trata de maternidade, e é difícil pensar em uma mulher sem fazer associação com a maternidade. Essa figura da mulher por muitos e muitos anos foi vista como elemento fundamental para a manutenção do conceito de família ideal e por consequência organização da sociedade, determinando assim o que uma mulher precisaria para ser verdadeiramente mulher (KEHL, 2008. P. 44).

A mulher então deveria atender a um ideal de feminilidade; entendendo esta como algo inerente a mulher, a maternidade estaria então, em resposta a essa feminilidade, em resposta ao ser mulher. Donath (2017) coloca que essa “natureza feminina” que obriga a mulher a ser mãe, também diz de um instinto maternal inato, algo que não precisa aprender.

Logo, a mulher que não é mãe, que não produz nem cria filhos, não é, de fato, uma mulher, “aponta para o fracasso de uma posição subjetiva que não produz discurso, da qual só se espera que corresponda ao que está designado no discurso do Outro (..), além de provocar um impasse na sua identificação (KEHL, 2008. P.65). A mulher se depara com as imposições da sociedade e da cultura, desse Outro, para o que é possível para a mulher e mãe.

Freud, na psicanálise, não teorizou muito a respeito do ser mulher, deixando para os próximos estudiosos, a tarefa de fazê-lo. Ao falar sobre o complexo de Édipo na

menina, Freud discorre sobre a promessa de um filho, pelo pai da menina, para que se faça lugar do falo. Dessa forma,

O tornar-se mulher se confunde aqui com o tonar-se mãe. O desejo de um filho, suposto dar uma realização simbólica ao desejo inicial do pênis, significa em última instância que Freud atribui ao filho o papel de significante da identidade feminina, à falta de um outro sinal. (ANDRÉ, p.198)

Um filho deveria então, ser colocado nesse lugar de objeto que tamponará essa falta para a mulher sendo significante de algo que até então não pôde ser dito da sua feminilidade, parece colocar a maternidade para a mulher como algo a que ela não pode fugir.

Margarete Hilferding (*apud* KEHL, 2008, P. 73-74), em uma conferência diante do Círculo Psicanalítico de Viena (1911), diz que a constituição desse objeto não é algo instintivo ou espontâneo como se pode pensar, o que pode desencadear algum tipo de descontentamento ou decepção com a chegada desse filho, o que pode dizer muito da sua constituição de mulher e mãe.

Devastação

Devastação é a tradução do termo francês *ravage*, que segundo o dicionário *Larousse*, significa arrasar, fazer estragos. Em português tem o mesmo sentido, sendo significado no *Aurélio* por destruição vandálica, ruína proveniente de grande desgraça e assolação. O termo é derivado do verbo francês *ravir*, que significa encantar ou arrancar algo, que é traduzido para o português como arrebatado. *Arrebatado* também possui o sentido de raptar ou transportar-se em êxtase místico, religioso. *Deslumbramento*, em francês *ravissement*, significa perturbar o entendimento de algo, causar assombro, maravilhar, fascinar, seduzir, e no sentido figurado: obcecação e cegueira. (SILVA, 2008)

Derivado do francês *ravir*, que tem a mesma raiz da palavra *ravissement*, que significa deslumbramento. “(...) que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior.” (Miller, 1988. *Apud* SILVA, 2008).

Na ausência de um significante que diga do que “ser mulher” ou do que sustenta o feminino, a *devastação*, está presente no relacionamento entre mãe e filha (pela dificuldade de dizer essa feminilidade), nas parcerias amorosas (encontros com objetos de amor) e na relação das mulheres com o corpo e com sua perda. (Miller, 1988. *Apud* SILVA, 2008).

O amor, que Freud em alguns textos como sendo a saída para os sujeitos em suas relações, é um dos semblantes que a mulher utiliza para suprir a falta, que nenhum significante consegue suprir. No fracasso desse amor, surge a devastação. “A função do semblante é recobrir o nada (...) o amor é um dos semblantes ao qual a mulher recorre para suprir a falta do significante do sexo feminino.” (LACAN, 1977 *apud* ZALCBERG, 2012).

Nesse sentido, o amor de um homem pode ser o deslumbramento para uma mulher assim como a devastação desta. (DUPIM & BESSET, 2011). Existe uma demanda sem limite desse amor, que quando não é sustentada, volta-se para si mesma e a consequência disso é a experiência de deparar-se com sua própria falta.

Com a devastação ocorre uma dificuldade de sustentar um *semblante* de existência, de encontrar barreiras que sustentem o seu gozo, ameaçando-a da pulsão de morte, e a impossibilidade de encontrar fórmulas de tonar-se outra para ela mesma. (ZALCBERG, 2012).

Ser devastado significa “uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher para o melhor e para o pior”(MILLER, 1998 *apud* DUPIM & BESSET). Sendo assim, não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, e de seus bens. (LACAN, 1937 *apud* DUPIM & BESSET).

Maternidade e O amor de Eva em *Precisamos falar sobre o Kevin*

No romance *Precisamos falar sobre o Kevin*, da autora Lionel Shriver (2007), através de cartas escritas para o marido Franklin, Eva, protagonista da obra, relata de uma maneira única, como foi sua experiência em ser mãe. O livro traz a história dessa mulher, que decide ser mãe através de muita insistência do marido, e, o seu primeiro filho, Kevin, comete o assassinato de 9 pessoas na escola em que estudava.

Ao escrever cartas, Eva tenta dar um novo contorno à sua história:

“Porque de algum modo eu tenho certeza de que estas cartas não constam da lista das terapias prescritas, uma vez que você está no próprio cerne do que eu preciso ‘superar’ para que possa ter meu ‘encerramento’. E que perspectiva mais terrível, essa.” (SHRIVER, p. 106)

Quando Eva escreve, ela está passando pelo momento de luto pelas perdas que atravessaram sua vida e esse momento também é de uma possível (re) construção de vida e laço com o filho, que está preso pelos crimes que cometera. Isso fica claro quando Eva relata seus momentos com o filho na prisão e de como eles realmente conseguem se olhar e se enxergar. É também um momento de construir o seu próprio luto, já que Eva foi colocada como culpada pelo que aconteceu e precisou lidar com isso da maneira que foi possível.

Como a maternidade não estava nos planos de Eva, estar grávida lhe parecia algo estranho, tudo menos natural. Ela diz “Eu me sentia enclausurada, entupida. (SHRIVER, p. 70). Ela também fala sobre como a maternidade lhe distanciara da sua própria vida: “Sentia-me dispensável, jogada fora, engolida por um grande projeto biológico que não iniciei nem escolhi, que me produziu, mas que também iria me mastigar e depois cuspir fora. Eu me senti usada.” (SHRIVER, p. 67).

Eva não se sentia uma mulher incompleta por não ser mãe, pelo contrário, ela era uma mulher independente e feliz, mas que amava um homem que queria muito um filho da mulher que ele amava, ela diz “Não é verdade que eu me sentisse “ambivalente” a respeito da maternidade. Você (Franklin) queria ter um filho. Eu não.” (SHRIVER, p. 71).

Essa mulher não tinha dúvidas sobre sua escolha, mas “precisou” decidir por estar grávida para satisfazer o seu objeto de amor e diz “Talvez eu seja meio rasa, mas você era suficiente para mim. (...), mas esse nosso duo, pelo visto, não bastava para você.” (SHRIVER, p. 302).

A justificativa para ser mãe também estava associada ao medo da perda do amor de Franklin; quando decide engravidar havia passado por uma situação em que achou que perderia seu amor e diz

“Eu sabia que nenhum rebento poderia substituir você. Mas, se algum dia tivesse que sentir sua falta, falta para sempre, eu queria ter alguém comigo para sentir falta junto, alguém que o conheceria também, ainda que apenas como um hiato na vida, como você seria um hiato na minha.” (P. 64)

Eva tentou expressar como se sentia em relação a maternidade e a sua relação com Kevin. Na tentativa de mostrar para seu marido, Franklin, como tinha sido o tornar-se

mãe de uma mulher que não pretendia ter filhos. Ela relata uma conversa com o filho, quando já estava preso, sobre a sua estranheza nesse processo:

“Eu havia antecipado limpar vômito. Assar biscoitos de Natal. Eu jamais teria imaginado... (...). Eu jamais teria imaginado que simplesmente criar uma ligação com você (...) me daria tanta dor de cabeça. Eu achava que... (...). Eu achava que essa parte vinha de graça.” (SHRIVER, p. 74).

Nessas cartas, sempre endereçadas ao “Querido Franklin”, também é possível para Eva ser sincera quanto a sua própria história, uma vez que ali não haveria mais olhares ou distanciamentos que a julgasse. Eva finalmente consegue dizer “Eu nunca havia desejado, de maneira tão plena e consciente, nunca ter parido nosso filho.” (SHRIVER, p. 404).

Com a maternidade acontece algo que Eva não esperava, o que de fato parece ser insuportável para ela: Franklin acaba se distanciando e a história de amor que os dois viviam começa a desmoronar: “A falta tremenda que você me fazia era um lembrete doído de que essa saudade me acompanhava desde o dia em que Kevin nascera.” (SHRIVER, p. 144).

O filho não foi uma garantia do amor do homem que ela amava. Parecia difícil entender como depois de toda a sua história com aquela criança nada parecia sustentar o amor daquele homem à ela. Esse era seu maior desejo:

Desde que era garota, só havia uma coisa que eu sempre tinha desejado, (...) um bom homem que me amasse e que me fosse fiel. Todo o resto era secundário. (...). Eu poderia ter vivido sem filhos. Não podia viver sem você.” (P. 404)

No final do romance, Eva já não se questiona sobre o seu lugar na história. Reconhece que ama esse filho “nem que seja por desprezo ou até mesmo preguiça” (SHRIVER, p. 463), mas já não adianta quase nada já que Franklin não iria voltar para casa.

Considerações finais

Esse artigo teve como principal objetivo pensar sobre a maternidade e maternagem à luz da psicanálise utilizando o livro *Precisamos falar sobre o Kevin* (SHRIVER, 2007) para ilustrar através da personagem Eva como a maternidade pode se apresentar de maneira única para cada mulher.

Foi imprescindível o percurso pelos conceitos de maternidade e devastação pelo olhar da psicanálise para se conseguir pensar a respeito da implicação destes na construção do feminino e do ser mulher e, assim se perceber, que esse processo ocorre de uma maneira que não é ditada ou pré-estabelecida, que acontece no uma a uma.

Eva não escolhe pela maternidade. Ela não planeja e não se sente vazia ou incompleta por não ter um filho. Ela se sente uma mulher mesmo não sendo mãe. O que a deixa em falta é o medo de perder seu objeto de amor. Isso a faz tomar a decisão por ter um filho.

A maternidade não é algo inerente à mulher como foi pensado por muitos anos. Pelo contrário, como coloca André (1998), muitas vezes, quando a maternidade é escolhida para responder à questão da feminilidade, as mulheres entram em depressão ao descobrir que um filho não vai responder aos seus anseios.

No caso de Eva, protagonista do livro, esta se encontra devastada pela perda de um outro objeto que não é o filho. O que a coloca nesse lugar é falta do seu amado, que sustentava seu semblante de mulher, mas que exigia algo mais dela: um filho. Eva deu tudo o que tinha e também o que não tinha.

O filho de Eva não foi gerado para responder suas indagações. Eva se coloca para a maternidade através dessa exigência e isso não lhe torna mãe, mas lhe traz a esse lugar de mulher em devastação que não consegue sustentar seu objeto de amor: seu marido.

Referências

ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher?. Tradução: Dulce Duque Estrada. – Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1998.

DONATH. Orna. Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade. Tradução Marina Vargas. – 1ª Edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DUPIN, Gabriela. BESSET, Vera Lopes. Devastação: um nome para dor de amor. Opção Lacaniana online nova série Ano 2. Número 6. Novembro, 2011.

FREUD, Sigmund. Novas Conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Imago. 2008.

SHRIVER, Leonel. Precisamos falar sobre o Kevin. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

SILVA, Aline Miranda da. A devastação de o feminino. *Psyche* (São Paulo) [online]. 2008. V. 12. N. 22. P. 27-34. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1415-1138008000100003&Ing=pt&nrm=isso. ISSN1415-1138.

ZALCBERG, Malvine. A devastação: uma singularidade feminina. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, V. 44,2. P. 469-475. 2012.